

## DAS ESCARPAS MINEIRAS AO CONCRETO DA METRÓPOLE: UMA LEITURA DA POESIA DE DONIZETE GALVÃO

Arlete de Falco<sup>1</sup>

O poeta Donizete Galvão, uma das referências na lírica contemporânea, é dono de uma poesia singular. Avesso ao experimentalismo verbal excessivo, que no seu entender torna a poesia estéril, o mineiro apresenta um verso que, de acordo com Martins (1996), ao mesmo que evidencia a recusa explícita de participar da argamassa estilística imposta pelo próprio tempo, põe à mostra a sua lucidez em perceber que o poeta deve passar ao largo de qualquer forma de abuso. Refletindo sobre a influência da tradição, Galvão não nega sua importância, porém critica sua valorização exacerbada e alerta para perigos decorrentes da manutenção de mitos. Referentemente à incontestável influência de Mallarmé sobre a arte poética contemporânea, Galvão declara, numa entrevista concedida ao jornal A Tarde Cultural (1996), que “... presos a essa corrente que faz do poema um artefato, e do poeta uma máquina de fazer poemas, muitos giram em falso em sua esterilidade. Muitos tentam imitar sua técnica, sem conseguir chegar à poética”. O resultado, segundo ele, é uma poesia de recortes, em que, na ânsia de tirarem gorduras, muitos poetas cortam-lhe a carne e os músculos. Para o poeta mineiro, o medo do ridículo de parecer lírico tem levado os poetas ao excesso de brevidade e concisão, o que, para Galvão, impede o grande salto que a poesia exige.

Evidentemente a elaboração da linguagem é uma preocupação permanente da lírica. Provocando fascínio ou desconcerto, a obscuridade é algo esperado na poesia, o que se pode dar tanto pela perífrase, como propunha Mallarmé, como por outros recursos. O certo é que a linguagem da poesia não prima pela linearidade. Até porque o que é sereno e linear em demasia fatalmente levará ao desinteresse. Discorrendo sobre a metáfora e seu papel na linguagem poética, o poeta José Paulo Paes (1997) compara-a a uma brincadeira muito comum que se faz com crianças: esconde-se o rosto com as mãos por alguns segundos para depois descobri-lo e revelá-lo à criança. O ato de tapar o rosto com as mãos e fazê-lo desaparecer provoca na criança um suspense, que se transforma em súbito prazer – configurado em riso franco - quando o adulto descobre o rosto e diz ‘achou!’. Defende o crítico e poeta que a metáfora deve provocar no leitor esse sobressalto de quem se vê diante do inesperado, do desaparecimento repentino do sentido. Porém alerta ele que, assim como o desaparecimento do rosto não pode se prolongar, sob pena de a criança se desinteressar, a quebra incisiva e duradoura do sentido e a inacessibilidade da linguagem poética podem promover o afastamento do leitor. Apesar disso, a obscuridade da lírica moderna é algo perseguido por grande parte dos poetas modernos, que retomam da tradição princípios e atitudes que a reiteram (FRIEDRICH, 1991).

Assumindo uma postura dissonante nesse contexto, Donizete Galvão não se constringe em afirmar que acredita na inspiração. Não que a sua aceitação implique ausência de trabalho de linguagem e artifício. Ele só não acredita que a poesia seja resultado de mero exercício, conforme declara em entrevista concedida a Jardel Dias Cavalcanti:

Eu não concordo com aqueles que chamam poesia de ofício ou artesanato. Embora a palavra *arte* tenha origem em artesanato, acho que a poesia não é artesanato. Se o fosse, depois de aprendido o ofício, iríamos fazendo peças cada vez melhores. A poesia é uma visitação. Você pode escrever hoje e permanecer meses sem escrever nada. Quando ela vira apenas técnica, fica esvaziada. Qualquer poeta de província pode escrever um soneto por dia. Não

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, Goiás, Brasil. E-mail: [arletedefalco@gmail.com](mailto:arletedefalco@gmail.com).

acredito nessa ideia do Cabral de que poesia é trabalho [...] Eu sou mais da linha do José Paulo Paes, que dizia acreditar piamente na inspiração. Não em escrita automática ou que o poema vem pronto e acabado. Sem a chispa inicial nada feito. Por isso, acho que servimos à língua. Não temos domínio sobre ela, coisíssima nenhuma. Nós passamos, ela perdura. Creio sim, que as palavras e os poemas nos buscam. (GALVÃO, 2003).

A leitura apressada das palavras de Galvão pode induzir ao equívoco de se pensar numa poesia curvada à mera inspiração. Não é, na verdade, o que ocorre na sua escritura. Na perseguição do efêmero, o poeta coloca a linguagem a serviço de seu compromisso, sabe construir o verso e o coloca como veículo de sua irmandade com o próximo.

Eu sou um poeta que anda de táxi, ônibus e trem. Impossível que essa dor das ruas não me fira e não se reflita no que escrevo. Uma poesia que ignore o social, o histórico, a alienação humana pode se transformar num bibelô estético. (GALVÃO, 2003).

O poema abaixo, extraído da obra *Mundo Mudo* (2003) é uma amostra do que se vem afirmando. O fato de o poeta aceitar a ideia da visitação da poesia e negar o experimentalismo vazio não implica a ideia de uma poesia derramada e sem elaboração linguística:

### **Solitude**

Juntos, em solitude.  
Cada qual com sua chaga.  
Cada qual com sua cruz.  
Dois corpos antes tão próximos,  
separados pela geografia  
que a mágoa desenha.  
Entre os braços,  
interpõem-se  
desertos, salinas e dunas.  
O amor morreu?  
Não. Condensou-se.  
Soterrou-se em veios  
de duro e negro minério.  
Duas árvores cujas raízes  
trancaram-se rumo ao fundo.  
Que frutos falhos e ásperos  
nessas mãos antes tão íntimas,  
que, mesmo durante o sono,  
permanecem bem fechadas.  
(GALVÃO, 2003, p. 23).

A palavra de Galvão emerge lírica, densa, metafórica e, sobretudo, humana, sem “precisar comprovar sua sintonia com a atualidade estética do último grito das estações da poesia. Com vocação larga ela quer durar, consciente de que, para tanto, precisa constituir-se decantando-se” (RABELLO, 2003, p. 83). E “no trabalho poético que suspende os dias, retoma tudo aquilo que o tempo já roeu, e que, por isso mesmo, ficara guardado como fonte de criação [...] A subjetividade surge como um elemento a mais no mundo revisitado” (id., p. 84), a provocar no eu lírico reflexões sobre seu existir atual.

Essa mesma autora aponta uma gradação na obra de Galvão. No entanto, desde a sua estreia com a obra *Azul navalha*, em 1988, a poética de Galvão carrega algumas marcas inconfundíveis. Uma delas é o tratamento de memória que sua lírica recebe. A crítica é unânime em afirmar que a matriz de sua poesia está nas escarpas de Borda da Mata, onde o poeta nasceu e viveu grande parte de sua vida. De lá ele carrega fragmentos esparsos do que ali viveu, e os deixa comparecer, sublimados pela distância geográfica e temporal, na sua poética gerada na metrópole, como se pode observar no poema seguinte:

**O rio intocável**

Na cidade dos sonhos  
corre o rio que o sonho cria.  
Rio irreal, no entanto, igual  
a um rio que já conhecia.  
Escrevo seu nome na água  
tal qual aquela, mas não a mesma,  
onde a criança escrevia.  
E seca a boca a sede  
que a mão não toca  
o que de fato importa,  
a pureza da água, o peixe,  
a paisagem que já não existia.  
(GALVÃO, 1988, p. 50).

Nesse poema ocorre o mote recorrente na poética de Galvão: a do sujeito cindido, dividido entre o real vivido no hoje e as lembranças de um tempo distante, que é trazido à cena com imagens poéticas.

Em mais de uma entrevista, o poeta mineiro afirma sua predileção por tratar de coisas, bichos, e assim, por meio desses artifícios, falar do homem. O poeta diz ser mais dado a coisas concretas, sem grandes voos de abstração. O poema abaixo é um exemplo dessa sua preferência:

**Teia**

Não o líquido  
penumbra sólida.  
Brilha.  
Aranha perdida  
nas teias que en(tris)teceu.  
Antitrapezista  
deseja ser trapezista.  
Procura os anjos  
para devorar-lhes o coração  
num canibalismo inverso.  
  
Pedra lunar pré-astronáutica.  
Agora não sei.  
De madrugada,  
termine o poema para mim.  
Viajo para a sabedoria do gato,  
esfinge tudo secreto  
nada.  
(GALVÃO, 1988, p. 16).

O poema acima revela a simpatia do poeta por falar do homem indiretamente. Aparentemente banal, a imagem de uma aranha agonizando em sua própria teia provoca no leitor inquietações e suspeitas. A ideia de uma metalinguagem se insinua e ficamos tentados a pensar na aranha metaforizando o poeta, igualmente antitrapezista, preso nas suas próprias teias, até que desiste de concluir o poema. A reflexão lírica a partir de animais, coisas, pode assumir um tom mais contundente, reflexivo, universal.

### **Cisterna**

Água parada de poço  
Só um feixe de luz da lua  
vem tocar-lhe a superfície.  
Não mais se ouve  
a música da carretilha.  
Não mais se ouve  
o balde batendo nas paredes de tijolos  
e a água a se derramar.  
Ninguém mais lava o rosto  
e a bebe com sofreguidão.  
Água parada de poço.  
ambos estamos estáticos,  
Imersos  
No negrume da noite.  
(GALVÃO, 2003, p. 17)

Das frinchas de sua memória o poeta vai resgatando imagens, cenas, que apenas um interiorano identifica: cisterna, carretilha, balde que traz a água para a superfície são elementos que não permeiam o universo de um homem da metrópole. As lembranças, esfumaçadas pelo tempo, ganham vida e compõem uma imagem melancólica com que o eu lírico encerra suas reminiscências. Tal como a água do poço, ele está “imerso no negrume da noite”. A seleção cuidadosa do léxico reforça a imagem que finaliza o poema. O jogo quase antitético entre os termos *imerso* e *negrume da noite* dão ao leitor uma visão da solidão do eu lírico. Aliás, uma das marcas da poesia de Galvão é o fecho surpreendente, quase apoteótico, sacudindo o leitor.

Num artigo em que discute o espaço da metrópole na poesia de Donizete Galvão, Bonafim (2016) chama a atenção para os dilemas impostos pela cidade grande às pessoas. Mostra o autor que, em sintonia com essas transformações, a poesia sofre uma renovação, tanto no plano linguístico quanto estético, para abarcar todo esse contexto histórico em sua complexidade. Pondera esse autor que a poesia de Galvão está em sintonia com esse paradigma poético e põe em evidência nos seus poemas uma metrópole reificada, avassalada por um tempo inclemente. “O que notamos, porém, com maior intensidade [...] na obra de Galvão, num processo de continuidade e diferenciação da poética moderna, é uma visagem de recorte mais realista, um olhar despido de ilusões e romantismos na contemplação de um espaço [...]” (BONAFIM, 2016, p. 162), espaço esse que muitas vezes vilipendia o homem.

### **Objetos**

Agora,  
Homens são coisas,  
Badulaques pendurados  
Como galinhas na peia,  
Pelas feiras,

De cabeça para baixo  
À espera de compradores.

Agora  
Mercadorias têm vida própria  
Saracoteiam quinquilharias  
Diante dos homens-coisa  
Que continuam  
Com pés atados  
E bicos ávidos.  
(GALVÃO, 2003, p. 65).

Novamente comparecem no texto de Galvão as imagens recortadas pela memória, as quais são matrizes para metáforas contundentes. O olhar que recai sobre o homem da metrópole é aquele impregnado pelas marcas de um espaço e um tempo longínquo, e as coisas e objetos são o ponto de partida para o eu lírico refletir sobre o estar no mundo e, em especial, estar na metrópole. Não raras vezes esse olhar é de trágica agonia e constatação, quiçá resignação.

**Deformação**  
eh, pomba suja,  
urubuzinha de metrópole  
ratazana  
ávida por dejetos  
bebedora de água preta  
aí está você:  
uma chapa  
uma pasta  
de pena e de sangue  
milhares de vezes  
vai-se repetir sua morte  
sob os pneus  
eh pomba lerda  
viu o que a cidade lhe fez?  
bem feito para você  
viu o que a cidade nos fez?  
(GALVÃO, 2003, p. 74)

A perplexidade do eu lírico frente ao destino da pombinha só se nos revela de fato no desfecho do poema, quando a aparente agressividade se transmuta em solidariedade e identidade. Mais uma vez vemos o desfecho do poema carregando o inusitado, a surpresa. A estrutura paralelística das duas interrogações que servem de fecho ao poema revelam ao leitor toda a intensidade trágica: o eu lírico se irmana ao animal, ambos esmagados pela força e cruza da metrópole.

Apesar de toda essa dramaticidade, a poesia de Galvão não se define como negativa ou pessimista. Ao trazer à tona um eu lírico cindido entre as reminiscências da memória e o peso esmagador do dia a dia na metrópole, Galvão se desnuda e se revela humano, vulnerável às vicissitudes do cotidiano e ressentido com elas. Por isso, sua poesia é humana, traz o grito do homem que sofre, coisificado num espaço de concreto. Porque esse homem luta contra tal opressão, seu canto é um canto de esperança.

## Referências

BONAFIM, A. O espaço da metrópole na poesia de Donizete Galvão. **Revista Estação Literária**. Londrina, Vol. 15, p. 158 -171, jan. 2016.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda, 1991.

GALVÃO, D. **Mundo Mudo**. São Paulo: Nankim Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_; CAVALCANTI, J. D. **Luz no breu**: entrevista com o poeta Donizete Galvão. Disponível em: <[www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo)>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **Azul Navalha**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1988.

\_\_\_\_\_. Contra o bibelô estético. In: **A Tarde Cultural**. Salvador: Bahia, out. 1996.

MARTINS, F. A originalidade da pedra. Belo Horizonte, **Poiésis Literatura**. N. 39, set. 1996.

PAES, J. P. Para uma pedagogia da metáfora. In: PAES, J. P. **Os perigos da poesia e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

RABELLO, I. D. A matéria impura da poesia. In: GALVÃO, D. **Mundo Mudo**. São Paulo: Nankin Editorial, 2003.